

REFLEXÕES SOBRE A OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DA AVALIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Maio/2009

Lane Primo – Senac/CE – laneprimo@uol.com.br

Categoria: C – Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: 3 – Educação Universitária

Natureza: A – Relatório de Pesquisa

Classe: 1 – Investigação científica

RESUMO

Este artigo relata as reflexões sobre a observação da prática da avaliação nos cursos de pós-graduação lato-sensu a distância pela Internet e a relação com a evolução da tecnologia no tocante ao acompanhamento. O estudo foi motivado pelo desafio de responder às inquietações dos tutores no processo de avaliar a distância e a ansiedade provocada pela falta de domínio no uso das ferramentas do AVA. Parte de um referencial teórico sobre a avaliação na EAD que ajudou a levantar questões e a relacioná-las às observações dos cursos. Visa contribuir para a formação docente, a melhoria dos processos futuros assim como gerar conhecimento sobre metodologias e uso das ferramentas para a educação a distância.

Palavras-chave: avaliação na EAD; ambientes virtuais de aprendizagem; ferramentas;

1. Introdução – Na educação a distância (EAD), assim como na presencial, a avaliação é um ato de reflexão. A interatividade proporcionada pela tecnologia pode facilitar o contato com o estudante e aumentar a qualidade da avaliação quando comparada aos outros meios utilizados nas primeiras gerações da EAD que eram menos dinâmicos. No entanto essa dinamicidade exige do tutor atenção redobrada para os mínimos detalhes.

Este artigo pretende discutir a relação da prática avaliativa nos cursos de pós-graduação a distância do Senac Ceará que aconteceram no período de março de 2005 a outubro de 2008 com a tecnologia utilizada para o acompanhamento. Ao todo foram observadas 7 (sete) turmas dos cursos de especialização em Educação Ambiental (3), Educação a Distância (3) e Gestão Educacional (1).

A participação desta pesquisadora no processo permitiu observar inquietudes do corpo docente, entre elas: o desafio de avaliar a distância de forma justa, a

insegurança de levantar critérios e indicadores que pudessem ser observados e a incerteza de poder promover o desenvolvimento do estudante.

Trata-se de uma pesquisa aplicada cujos resultados visam contribuir para a melhoria da prática docente e de todo o processo, assim como a geração de conhecimento para a educação a distância.

2. Princípios Teóricos e Questionamentos – As concepções de avaliação na EAD, a avaliação formativa e os aspectos a considerar como resultados do processo nessa modalidade constituem as bases conceituais que norteiam este trabalho e fornecem, extraíndo-se da prática, as questões para as discussões.

2.1. Concepções de Avaliação na EAD – Chermann e Bonini [1] acreditam que, na EAD, a avaliação melhora o processo quando se dá nas três amplitudes: diagnóstica – para verificar o perfil de entrada do estudante no curso. O que ele sabe a partir de conhecimentos anteriores ou experiências; formativa – realizada durante o processo ensino-aprendizagem no qual é possível a aplicação de estratégias de recuperação ou adaptação que devolve aos estudantes seus erros para que possam ser corrigidos e, a partir deles, evoluir na aprendizagem; somativa – para aferir tudo o que foi desenvolvido ao longo do curso, incluindo participações. No geral, expressa através de notas ou conceitos.

Os autores citados acrescentam que o sucesso do projeto de EAD está na previsão, no plano pedagógico, da aplicação de todas as formas de avaliação dentro do processo.

Destas colocações pode-se verificar ao longo da observação das turmas objeto desta reflexão que os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) evoluíram bastante desde o seu surgimento. A eles foram agregados recursos para ampliar a interatividade, acesso a mídias, capacidade de armazenamento de documentos das atividades, informações e o rastreio do percurso do estudante. No entanto, até que ponto os tutores estão preparados para usar tais registros com vistas a avaliar o estudante nas três amplitudes?

Pallof e Pratt [2] referem-se às várias formas de avaliação que ocorrem ao longo do curso de modo mais amplo, envolvendo os desempenhos: do estudante, incluindo a auto-avaliação; do curso e da qualidade do ensino; da tecnologia utilizada,

assim como aspectos funcionais e amigáveis da interação com o estudante; e a utilidade do programa no âmbito da instituição.

Esses autores acrescentam que, no contexto geral, o progresso do estudante e do curso são analisados por meio da avaliação formativa dentro de um processo contínuo com vistas a possibilitar mudanças de rumos para que aconteça conforme programado; e, da avaliação final (ou de reação) para medir a satisfação do estudante com o curso e com o professor. Esta última, peca por não mensurar a dinâmica e o ritmo da aprendizagem do estudante. No entanto, apoiados em Brookfield [3] *apud* [2], reforçam que “conhecer alguma coisa sobre a maneira como os estudantes experimentam a aprendizagem ajuda a construir conexões convincentes entre o que queremos que façam e seus interesses e expectativas”. Mas será que os tutores de EAD, muitos deles técnicos especialistas em suas áreas de atuação, possuem preparo para verificar nas atividades como foi o processo de raciocínio do estudante?

Nas reflexões sobre avaliação nos cursos *online*, Harasim *et al* [4] afirmam “para que haja uma abordagem centrada no estudante, a avaliação deve ser parte do processo de ensino-aprendizagem, estar inserida nas atividades de aula e nas interações entre estudantes e destes com os professores”. Isso significa que o processo contínuo de avaliação se constrói no planejamento das aulas e deve ser acompanhado do início ao fim. Pode-se inferir que o significado de “acompanhar do início ao fim” relaciona-se a um processo de comunicação eficiente. Neste sentido, para Hadji [5], o ato de avaliar sempre tem uma dimensão de comunicação. Quando um professor-avaliador se pronuncia sobre as expectativas que possui e o modo de julgamento, ele manda uma mensagem para os estudantes. Cita o trabalho de Barlow (1992) que coloca suas observações quanto a uma comunicação formativa com base na captação “das reações dos estudantes, suas questões sobre o sentido e o alcance do que foi colocado pelo professor-avaliador, seus pedidos de explicação sobre as apreciações e notas”. Então, como os tutores podem iniciar e manter um diálogo dentro do processo formativo utilizando as ferramentas do ambiente?

2.2. A Avaliação Formativa – Tendo em vista que o projeto dos cursos de especialização estabelece que a avaliação é formativa considerou-se importante ampliar este tópico nos parágrafos seguintes.

A função reguladora da avaliação formativa faz com que estudantes e professores ajustem suas estratégias e dispositivos. De um lado, reforça de modo

positivo as competências atingidas que estão em conformidade com os objetivos definidos previamente. De outro, permite ao estudante analisar situações de maneira a identificar e proceder às correções para eventuais erros nas atividades.

A avaliação reguladora (ou formativa) enfrenta muitos obstáculos na medida em que exige o reconhecimento das diferenças e o combate às desigualdades. Nesse caso, a prática docente deve ser diferenciada para poder considerar ritmos e tempos individuais de aprendizagem diferente de um modelo de organização curricular distribuído em disciplinas que estabelece um tempo comum e igual para o grande grupo (Pacheco, 1998 *apud* Ribeiro [6]).

Segundo Perrenoud [7], aos poucos, a escola está mudando em favor de uma pedagogia da diferenciação que leva a uma avaliação caracterizada pela observação formativa a serviço da regulação das aprendizagens. Perrenoud [7] defende, com base em Allal (1993) e Weiss (1986), que em casos complexos ou situações ambíguas, é conveniente o uso de instrumentos (provas, relatórios, portfólio, diário, projetos, entre outros), para garantir representações mais acuradas e confiáveis. Porém, afirma que é preciso ser eclético e usar da intuição também em uma avaliação de maneira a propiciar a regulação das aprendizagens.

Acrescenta ainda que, para acompanhar a progressão das atividades, é preciso fazer balanços periódicos das aquisições dos estudantes. Eles orientam as decisões e contribuem para estratégias de ensino-aprendizagem em um grau ou um ciclo. É importante que o professor saiba determinar, interpretar e memorizar momentos significativos que, aos poucos, contribuem para montar um quadro do conjunto do estudante no desempenho de várias tarefas. Um portfólio e um diário facilitam esse registro (Perrenoud [8]). Mas como realizar uma avaliação formativa a partir dos registros do ambiente?

O processo formativo será facilitado à medida que os professores estabelecerem com sucesso as diretrizes, os critérios de avaliação do desempenho dos estudantes e os resultados da aprendizagem. Então, o que observar em uma avaliação formativa?

Segundo Palloff e Pratt [2], levam-se em conta fontes de dados diversos, entre eles: o desempenho, as tarefas e os exercícios; a qualidade: das mensagens trocadas, da participação na discussão *online*, a busca de comentários espontâneos que se relacionem aos objetivos e às experiências da aprendizagem.

Trata-se de uma rica fonte de material de avaliação que poderá ser muito bem explorada de acordo com as características e situação de cada estudante.

Segundo Chermann e Bonini [1], em um AVA avalia-se um estudante na observação dos seguintes pontos: monitoramento do nível de participação nas discussões do curso, desempenho das tarefas, qualidade dos trabalhos, nível de freqüência de participação nas equipes, pesquisas sobre a satisfação, desempenho em avaliações formais, condução nas discussões e conferências com os participantes, progresso por meio do acompanhamento das tarefas envolvidas (presencial, *online*, vídeo ou áudio e até envio de projetos completos).

Diante dessas exposições pode-se considerar como aspectos relevantes: na observação do **diálogo** é possível avaliar o grau de reflexão dos estudantes sobre o tema proposto, as sugestões de como trabalhar melhor *online*, o nível de interação do grupo, a geração de novas ideias, as trocas de experiências e crescimento. Na observação dos **trabalhos** avalia-se comentários das contribuições dos colegas, a auto-avaliação do desempenho, a participação, a utilidade/aplicabilidade do trabalho para o estudante (relevância); na observação do desempenho quanto a **tecnologia** observa-se o grau de experiência e o nível de dificuldade encontrada pelo estudante; por fim, na observação da **participação** avalia-se o nível de colaboração, cooperação, a qualidade e a freqüência.

O trabalho em grupo e agora impulsionado pela facilidade da interatividade é um dos grandes avanços para a inteligência coletiva. As discussões compartilham informações e experiências além de estimular o pensamento e a reflexão. Ao analisar um diálogo coletivo é possível verificar o nível de compreensão dos materiais, o grau de motivação dos discentes, o envolvimento das equipes, além de monitorar comportamentos dos estudantes, pode-se intervir nas dúvidas ou conflitos dos grupos. E como trabalhar os resultados da avaliação para promover o desenvolvimento dos estudantes?

2.3. Os Resultados da Avaliação – A resposta ou o retorno da avaliação é outro tópico que merece atenção. Os resultados devem ser repassados aos estudantes por meio de e-mail pessoal ou numa área de acesso que seja exclusiva. Boa parte AVAs dispõe de mecanismos para os comentários relativos à execução da

tarefa e lançamentos de notas ou conceitos. O tempo de resposta deve ser o mais rápido para reduzir a ansiedade.

A qualidade do retorno do professor conduz o processo formativo. Vai além da nota ou conceito e do certo ou errado. Como orientador, deve ressaltar os aspectos positivos do trabalho e desencadear a reflexão do estudante para os pontos que precisam ser melhorados.

Ribeiro [6] ressalta por um lado que provas ou situações-problema devem ser formuladas de acordo com os seguintes critérios: representatividade - em relação ao que foi abordado; significação – demonstração do que é relevante e clareza – para evitar interpretações múltiplas. Será que estes critérios também se aplicam aos retornos para os estudantes?

Essas questões se fizeram presentes ao longo dos cursos objeto deste estudo e desencadearam a reflexão sobre a prática assim como a busca de soluções.

3. Metodologia – Esta pesquisa é do tipo exploratório-descritivo [9] que utilizou, como método, uma abordagem indutiva [10]. A forma científica teve, como base, a observação e a análise documental. Foram coletados dados quantitativos e qualitativos a partir dos relatórios de final de curso para este estudo. Todavia diante do fato de que outras turmas encontram-se em andamento as informações ainda vigentes estão expressas neste trabalho no tempo presente.

Para esta investigação foram executados os seguintes passos:

1. Levantamento dos dados sobre as turmas;
2. Análise dos relatórios de final de curso com ênfase nas considerações dos tutores para a avaliação e acompanhamento no tocante aos recursos do ambiente;
3. Levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica;
4. Análise do material coletado.
5. Elaboração das considerações.

Nos tópicos seguintes, a caracterização da população estudada, a tecnologia utilizada, o processo de desenvolvimento e acompanhamento.

3.1. Caracterização do universo – A população deste estudo foi composta de 7 (sete) turmas, ao todo 126 estudantes dos cursos de pós-graduação, sendo: 22 de uma turma de Gestão Educacional, 57 de 3 (três) turmas de Educação a Distância e 47 de 3 (três) turmas de Educação Ambiental. Os cursos foram conduzidos por quatro tutoras. Destas, três tinham experiências mais atuantes em cursos de EAD,

sendo duas no exercício da tutoria e uma na monitoria. A outra tutora era novata, tinha vivência de EAD como estudante. Todas foram aprovadas por processo seletivo, passaram por capacitação para atuar no curso e também para o uso das ferramentas básicas do ambiente. Os cursos aconteceram no período de 2005 a 2008, considerando-se que a turma de 2007 encerrou-se com a apresentação dos trabalhos de conclusão no ano seguinte.

3.2. A Tecnologia de Apoio – As turmas de 2005 utilizaram o ambiente virtual Aulanet [11], as demais trabalham na plataforma Moodle [12] - cada turma na versão vigente no ano de início do curso. Nas turmas de 2005 as tutoras precisaram utilizar aplicativos *chat* e correio eletrônico fora do ambiente Aulanet pelo fato do mesmo apresentar algumas deficiências. Nas demais turmas todos os recursos de comunicação utilizados foram do próprio ambiente Moodle.

As notas dos módulos, da avaliação parcial e do trabalho de conclusão de curso foram lançadas em um sistema gerenciador cujo acesso à base de dados armazenados nos servidores do Senac Nacional foi feito pela internet. Cada tutor de módulo possui uma senha para o lançamento das notas dos alunos. A coordenação possui uma senha para verificar a situação de toda a turma do curso de sua responsabilidade. Quanto ao lançamento das notas das tarefas elas aconteceram no próprio ambiente tanto no Aulanet quanto no Moodle e foram realizadas pelas tutoras. No caso do Aulanet foi necessário o apoio de uma planilha eletrônica pelo fato do ambiente não estar preparado para um acompanhamento mais preciso na época. Apesar de existir no Moodle um sistema de verificação próprio, as notas também foram transferidas para uma planilha eletrônica a qual foi personalizada para apresentar outras informações, por exemplo, número de tarefas pendentes, histórico de contato com o estudante, situação geral da turma, entre outras. Esta foi uma solução encontrada para facilitar o acompanhamento da tutoria e da coordenação a fim de visualizar dados que de outra forma precisam de acessos específicos, além de permitir gerar arquivos individualizados para envio aos estudantes. Relatórios de acompanhamento qualitativo do curso, fechamento de turma, atas, entre outros foram criados no editor de textos Word.

3.3. A organização dos cursos e acompanhamento – Os cursos de pós-graduação possuem carga horária de 360 horas, realizados a distância, porém com três momentos presenciais obrigatórios: a aula inaugural, a avaliação parcial e a

apresentação do trabalho de conclusão de curso. A organização curricular é dividida em módulos cujo planejamento prevê atividades semanais disponibilizadas no ambiente virtual. Os cursos foram desenvolvidos dentro do modelo de competências. O estilo de avaliação adotado foi o formativo ao longo do processo e o somativo para o fechamento dos módulos. A nota mínima de aprovação é 7 (sete).

No início do curso foi feita uma sondagem para verificar as experiências dos estudantes quanto ao estudo a distância, o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, o domínio da tecnologia, entre outras informações que pudessem ajudar as tutoras no acompanhamento ao longo do curso. No Moodle foi utilizada a ferramenta Questionário para este fim, no Aulanet foi usado o correio eletrônico e as informações foram tabuladas em uma planilha eletrônica.

4. Análise dos resultados e considerações – O diagnóstico inicial apontou que a maior parte os estudantes realizava cursos a distância pela primeira vez; somente os de especialização em EAD possuíam mais de uma experiência anterior nessa modalidade. Esse resultado indicou para a tutoria a necessidade de aumentar a orientação sobre o uso do ambiente à medida que as tarefas eram disponibilizadas. No caso do ambiente Aulanet por ser pouco amigável, na versão disponível na época, as dificuldades foram maiores. O acompanhamento dos estudantes pela tutoria nesta plataforma apresentou muitos desafios devido ao grande número de janelas e *links* a serem acessados para se obter uma informação. Apesar das tutoras estarem cientes das amplitudes da avaliação, a diagnóstica foi pouco utilizada porque a operação do ambiente dificultou. A necessidade de usar outros programas que permitissem o registro do acompanhamento assim como o uso de outros aplicativos para promover a comunicação com estudante foram determinantes e justificaram a mudança para o Moodle. Este apresentou melhorias a cada versão com relação à comunicação o que permitiu desenvolver ao longo das turmas um acompanhamento formativo mais efetivo. Todavia percebe-se que os tutores de áreas mais técnicas tendem à avaliação somativa, o que indica a necessidade de maior orientação e acompanhamento da coordenação para os devidos alinhamentos.

Ao longo da observação e com base nos relatórios percebeu-se que as tutoras apresentaram dificuldades na interpretação dos registros do ambiente e na escolha da melhor forma para postar os retornos. Isso requer a discussão e estudo

de metodologias de acompanhamento de maneira que os tutores possam aprimorar a leitura dos dados para transformá-los em informação, assim como compreender o processo de raciocínio do estudante a partir das análises das produções.

Quanto aos retornos, duas tutoras limitaram-se a atribuir a pontuação nos fóruns; duas tiveram o cuidado de mandar uma mensagem individual com o comentário acerca da participação de cada estudante no fórum; uma criou um espaço por meio da ferramenta Tarefa (Moodle) para organizar as devoluções. Observou-se nesta ação e na análise da qualidade do conteúdo do retorno dado ao discente que os aspectos representatividade, significação e clareza consolidam o processo formativo, pois a nota comentada agrega valor ao desenvolvimento do estudante. Isso se deve porque há o desencadeamento do processo reflexivo do discente que favorece a auto-avaliação e, por conseguinte, o crescimento. Constatou-se que os estudantes que receberam comentários por meio de mensagem e também da ferramenta Tarefa, além de manter um diálogo mais ativo com os docentes, demonstraram apropriação dos estudos e maior domínio sobre o seu processo de aprendizado. A evidência da evolução aparece nas participações posteriores, nas atividades, no trabalho de conclusão de curso e também nas interações presenciais.

5. À Guisa de Conclusão – A questão da avaliação em EAD é complexa e não se esgota. Apesar da evolução das tecnologias, elas ainda necessitam de adaptações com vistas a criar soluções que minimizem a complexidade e a subjetividade bem como possam servir de elemento norteador à aquisição de conhecimentos e de competências estabelecidas nos planos de formação.

Este trabalho visou, assim, refletir a avaliação no universo da EAD e sua relação com as ferramentas disponíveis nos ambientes virtuais, na perspectiva de “encontrar” novas metodologias e estratégias que favoreçam a formação de tutores e de estudantes para uma educação a distância de qualidade.

Apesar de não ter respondido a todos os questionamentos as reflexões foram importantes para buscar adaptações de forma que possam garantir o caráter formativo no acompanhamento dos estudantes na entidade. A partir delas verificou-se que há a necessidade de um maior esclarecimento para que os tutores possam perceber como as ferramentas do AVA podem ajudá-los. Isso implica na melhoria dos cursos de capacitação para tutores que deve ir além do uso da ferramenta, é preciso

melhorar a capacidade de leitura dos registros e utilizá-los como indicadores para análise e tomada de decisão quanto ao que precisa ser modificado na trajetória de desenvolvimento do estudante. Para tanto, os tutores devem estar cientes de seu papel mediador e aprender a usar as ferramentas de comunicação para promover o diálogo, as mudanças na sua postura e na condução dos trabalhos. Ainda será necessário usar programas auxiliares como planilhas eletrônicas. Por outro lado, este uso é benéfico porque permite ao educador outros olhares e adaptações para que atendam ao projeto político da instituição. O mais importante é que o tutor esteja aberto e preparado para as transposições necessárias.

Referências

- [1] CHERMANN, Maurício; BONINI, Luci Mendes (colab.). Educação a distância: novas tecnologias em ambientes de aprendizagem pela internet. Universidade Braz Cubas. São Paulo: 2001[?], p. 61-63.
- [2] PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.175-180.
- [3] BROOKFIELD, S.D. Becoming a Critically Reflective Teacher. San Francisco: Jossey-Bass, 1995, p.93 in [2].
- [4] HARASIM, Linda. TELES, Lúcio. TUROFF, Murray. HILTZ, Starr Roxanne. Redes de Aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem *online*. Título original: Learning Networks: a Field Guide to Teaching and Learning Online. Trad. Ibraíma Dafonte Tavares. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2005, p. 167.
- [5] Hadji, C. (2001). Avaliação desmistificada. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre, RS: Artmed Editora. p.109.
- [6] RIBEIRO, Victoria Maria Brandt. SENAC. DN. O planejamento e a avaliação. Livro 3. Rio de Janeiro: Senac, 2000, p.15, 38, 54, 122, .
- [7] PERRENOUD, Phillippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas. Trad. Patrícia Chitoni Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p. 125.
- [8] _____, Phillippe. 10 Novas competências para ensinar; trad. Patrícia Chitoni Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, p. 49-51.
- [9] SELLTIZ, C. et AL. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Herder: Edusp, 1965 *in* Marconi, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 6a. ed. - 2a. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.
- [10] LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 6a. ed. - 7a. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.
- [11] Eduweb – Aulanet Página de Apresentação. (nd). Disp. em: <http://www.eduweb.com.br/elearning_tecnologia.asp>. Acesso em 15/05/09.
- [12] Moodle – Página oficial. Disp. em: <<http://moodle.org/>>. Acesso em 15/05/09.